

A LINGÜÍSTICA TEXTUAL SOB A PERSPECTIVA BAKHTINIANA

TEXTUAL LINGUISTICS FROM THE BAKHTINIAN PERSPECTIVE

LINGÜÍSTICA TEXTUAL DESDE LA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Lícia Maria Bahia Heine¹, Gisélia Evangelista de Sousa², Myrian Conceição Crusoé Rocha Sales³,
Aline Maria da Conceição de Jesus⁴, Nordélia Costa Neiva⁵

DOI: 10.54899/dcs.v22i83.3348

Recibido: 10/09/2025 | Aceptado: 12/09/2025 | Publicación en línea: 15/10/2025.

RESUMO

Este artigo objetiva transcender algumas das críticas feitas à Linguística Textual, considerando que, embora essa vertente tenha promovido revisões ao longo de suas diferentes fases, ainda apresenta limitações que merecem ser discutidas. Essas reflexões ganham força a partir do final do século XX, quando o texto passa a ter como base a referência (Mondada, 1995), o que lhe imprimiu um acentuado alicerce sociocognitivista. Contudo, observa-se ainda um apego ao código linguístico, haja vista não se encontrar, em suas análises, menção aos signos não verbais, nem uma discussão sobre o sujeito e aspectos socioideológicos. Propõe-se, então, a Fase Bakhtiniana, na qual o texto é concebido como um evento dialógico linguístico-semiótico (Heine, 2012), refutando a dicotomia entre o verbal e o não verbal, ao mesmo tempo que permite refletir sobre o sujeito e a possibilidade de coesão e coerência também ocorrerem por meio de signos não verbais, revestidos de uma multiplicidade de sentidos e marcados ideologicamente.

Palavras-chave: Fase Bakhtiniana. Ideologia. Signos Não Verbais. Texto.

ABSTRACT

This article aims at going beyond some limited comments that have been made to wards Text Linguistics, although its different phases have been recognized. The current reflections are reinforced in the second half of the 20th century when Mondada (1995) presented a new concept for the idea of “reference” including a strong social-cognitive perspective which changed the way the “text” has been considered. However one can still find some restrictions since his analyses only refer to the verbal language, not including the other ones. Besides, there are no comments about ideology and its implications. Therefore a Bakhtinian Phase is suggested when the text is

¹ Doutora em Linguística, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil.

E-mail: liciaheine@uol.com.br Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9100-7547>

² Doutoranda em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil.

E-mail: gisaevan@gmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3006-5051>

³ Doutora em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil.

E-mail: profamyrian@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3648-8100>

⁴ Doutora em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil.

E-mail: profaalinemcjesus@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1450-6339>

⁵ Doutora em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil.

E-mail: nordelianeiva@gmail.com

viewed as a social linguistic semiotic event (Heine, 2012) refuting the dichotomy between the verbal and the nonverbal languages, reflecting about the subject of the discourse and proposing that both cohesion and coherence are also present in iconic signs (nonverbal language).

Keywords: Text. Iconic Signs. Bakhtinian Phase. Reference.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo trascender algunas de las críticas formuladas a la Lingüística Textual, considerando que, aunque esta corriente ha promovido revisiones a lo largo de sus diferentes fases, aún presenta limitaciones que merecen ser discutidas. Estas reflexiones cobran fuerza a partir de finales del siglo XX, cuando el texto pasa a tener como base la referenciación (Mondada, 1995), lo que le imprimió un marcado fundamento sociocognitivista. Sin embargo, todavía se observa un apego al código lingüístico, dado que en sus análisis no se encuentran menciones a los signos no verbales, ni una discusión sobre el sujeto y los aspectos socioideológicos. Se propone, entonces, la Fase bakhtiniana, en la que el texto es concebido como un evento dialógico lingüístico-semiótico (Heine, 2012), que refuta la dicotomía entre lo verbal y lo no verbal, y al mismo tiempo permite reflexionar sobre el sujeto y la posibilidad de que la cohesión y la coherencia también se produzcan mediante signos no verbales, revestidos de una multiplicidad de significados y marcados ideológicamente.

Palabras clave: Fase Bajtiniana. Ideología. Signos No Verbales. Texto.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A Linguística de Texto (LT) surgiu, na década de 60 do século XX, na Alemanha, em um momento em que o paradigma formal da linguagem, vigente naquela época, deixava de responder, adequadamente, a vários problemas, que foram gradativamente se instaurando por uma plêiade de diferentes pesquisadores. Dentre essas questões, ilustram-se: os pragmaticistas questionavam por que Saussure se debruçou às estruturas linguísticas, excluindo, destarte, o indivíduo dos estudos linguísticos; os pesquisadores da Análise de Discurso, em seu sentido geral, bem como os da Pragmática perguntavam: Por que o sentido provém da imanência do sistema linguístico? Na verdade, criticavam a tese da autonomia linguística, defendida pela visão formalista, que diz respeito à independência semântica do texto escrito formal, restringindo, pois, a significação aos constituintes de uma sentença e os neófitos da LT questionavam o fato de a ciência da linguística ter como objeto de estudo a *langue*, como postulava Saussure, ou a

competência linguística, de Chomsky, arguindo que a linguística devia voltar-se para o estudo do texto como seu objeto de investigação linguística, sem ter como foco a identificação de morfemas e fonemas, a partir de um *corpus* limitado.

Apesar de a LT não ter se desenvolvido de forma homogênea, uma vez que surgiu em diversos países e, conseqüentemente, apresentou distintas tendências para o tratamento do texto, há um senso comum em reconhecer três momentos que caracterizam suas pesquisas, a saber: a Análise Transfrástica, a Construção de Gramáticas e as Teorias do Texto.

Contudo, no final do século XX e nos primórdios do século XXI, observam-se sinais pontuais de que a LT estaria caminhando para novos momentos — como a perspectiva sociocognitivo-interacionista de Koch (2004), já consolidada no seio das pesquisas da área, e a Fase Bakhtiniana, proposta de forma sistemática por Heine desde 2009. As pegadas que sustentam esse percurso da LT vinculam-se às reflexões do filósofo Bakhtin (2003), ganhando ainda mais solidez nos trabalhos de Barros (2007, p. 21), que, desde 1994, vem buscando destacar as contribuições de Bakhtin em relação ao texto e/ou discurso. Trata-se de uma pesquisa que impulsiona a revisão dos precursores *stricto sensu* da LT, incluindo, ao lado dos retóricos, da estilística, da Escola de Praga e dos formalistas russos, a obra de Bakhtin, em sua abordagem semiótico-discursiva.

DESENVOLVIMENTO DO ARTIGO

A fase bakhtiniana da Linguística Textual, conforme Heine (2009), começou a apresentar seus primeiros embriões na transição entre os séculos XX e XXI, em especial no Brasil, quando Heine (2001), em sua tese de doutoramento, propôs uma nova classificação da anáfora que, finalmente, ampliava de forma incisiva a clássica concepção de Halliday e Hasan (1976). Essa transição, impulsionada direta ou indiretamente pelo movimento da semântica gerativa e pelas investigações psicolinguísticas de Eleanor Rosch (1978, *apud* Rosch; Mervis, 1975), já caminhava para uma abordagem sociocognitivo-interacionista da LT, como se observa no excerto a seguir: “[...] texto passa a ser considerado resultado de processos mentais: é a abordagem procedural, segundo a qual os parceiros da comunicação possuem saberes acumulados quanto aos diversos tipos de atividades da vida social [...]” (Koch, 2004, p. 21).

Esse enfoque, característico da chamada "Virada Cognitiva", endossa o processamento textual e envolve quatro grandes sistemas de conhecimento (Heinemann; Viehweger, 1991, *apud*

Koch, 2004, p. 21): o linguístico, o enciclopédico, o sociointeracional e, por fim, o conhecimento relacionado aos modelos textuais⁶. Trata-se, sem sombra de dúvida, de um avanço substantivo em relação às teorias tradicionais da LT, uma guinada de 180 graus, ao pôr em foco questões voltadas para o processamento textual com base em esquemas cognitivos, recorrendo, sobretudo, ao conhecimento enciclopédico e ao conhecimento vinculado aos modelos mentais que compreendem as informações armazenadas na memória de cada indivíduo. Pautando-se, sobretudo, em Chomsky, esse modelo teve como alicerce fulcral a separação entre exterioridade e interioridade, ou seja, a radical cisão entre corpo e mente, traço marcante das ciências cognitivas clássicas. Essa perspectiva gerou uma concepção de cognição atrelada a fatores “internos” e encapsulada na mente dos indivíduos, concebida como uma espécie de “caixa-preta” (Koch; Cunha-Lima, 2004, p. 272). Embora tenha influenciado diversas disciplinas, inclusive a linguística, essa base teórica passou a ser questionada no final do século XX, justamente por promover uma separação exacerbada entre fenômenos mentais e sociais. Essa crítica permitiu a implementação de um novo enfoque sobre a cognição, denominado “dinâmica da cognição”, que passou a incluir, então, tanto aspectos corporais quanto interacionais (Koch; Cunha-Lima, 2004, p. 272). Nas palavras de Mondada (2002 *apud* Alves, 2005, p. 52), a cognição passou a ser compreendida como: “um conjunto de práticas sociais publicamente desdobradas em ações em contexto por e para seus participantes, não residindo unicamente nos indivíduos, mas muito mais na coletividade [...]”.

Koch (2004), após tecer considerações sobre a virada cognitivista, abre espaço para novas reflexões, instaurando o momento sociocognitivo-interacionista, que passa a focalizar, de modo sistemático, as questões interativas, dentre outras, com base na seguinte concepção:

[...] A produção de linguagem constitui atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução — e a dos próprios sujeitos — no momento da interação verbal. (Koch, 2015, p. 44)

Contudo, apesar de sua importância inquestionável no campo da ciência textual, o caráter sociocognitivo-interacionista, de modo geral, ainda deixa espaço para novas reflexões sobre o sujeito, o texto e os processos de coerência e coesão. As análises, especialmente no que tange à

⁶ Para maiores esclarecimentos, vide Koch, 2004, p. 21

coesão, continuam muitas vezes restritas à superfície textual. Em outras palavras, a despeito dos seus avanços, a LT continua presa ao código linguístico. Essas reflexões pautam-se nos postulados bakhtinianos que, embora a literatura vigente da LT tenha incorporado algumas de suas concepções, as pesquisas de cunho textual parecem não apresentar implicações resultantes das ideias do referido filósofo que, direta ou indiretamente, vêm imprimindo uma ressignificação substantiva nos seus pilares básicos, a ponto de dar respaldo teórico para o surgimento de um novo momento.

A fase bakhtiniana, apesar de concordar com as diversas acepções de texto que o concebem enquanto processo, sugere um outro conceito, considerando questões feitas pelos alunos, em geral professores da rede estadual da Bahia de cursos de especialização, oferecidos pela Universidade Federal da Bahia, entre 2009 e 2013. Dentre as perguntas costumeiras, destacam-se: - *Professora, é correto, nas histórias em quadrinhos, eu considerar texto apenas o código verbal?* - *Professora, a interpretação do texto deve se limitar ao código linguístico?*

Para responder a essas questões, foi preciso recorrer, sobretudo, ao apoio teórico bakhtiniano que, dentre as suas diferentes acepções, concebe a linguagem como atividade dialógica, eminentemente social, oriunda das efetivas práticas discursivas.

O filósofo russo introduziu, portanto, a situacionalidade de todo o fenômeno linguístico, seja literário ou conversacional, mostrando precisamente que ela só existe socialmente, referindo-se à linguagem semiótica, o que vai possibilitar o diálogo com outras linguagens, no seu sentido *lato sensu*. Por outras palavras, a análise linguística não se atém aos elementos linguísticos enquanto código, mas se volta também aos fatores semióticos, aos aspectos sócio-históricos e ideológicos que envolvem as diversas linguagens no seio social. Segundo Bakhtin (1997, p. 124), “[...] a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal (gestos do trabalho, atos simbólicos de um ritual, cerimônias, etc.), dos quais ela é muitas vezes apenas o complemento, desempenhando um papel meramente auxiliar”. A partir do lastro bakhtiniano, chegou-se ao seguinte conceito:

Considera-se o texto como evento dialógico, semiótico, falado, escrito, heteroglósico, axiológico, constituído de duas camadas que se imbricam mutuamente: a camada que pode constituir-se da linguagem verbal, da linguagem verbo-visual, ou ainda da linguagem não verbal, efetivando-se ou não de princípios morfofonológicos, sintáticos, semânticos; e a camada histórico-ideológica, caracterizada pelo processamento de sentidos inferenciais e efetivada a partir de diferentes estratégias que vão alicerçar a construção desses sentidos (Heine, 2024⁷)

⁷ Heine, L. M. H. Apresentação em Congresso UFBA 2024.

Para melhor explicar o referido conceito de texto, recorre-se à metáfora do caleidoscópio. Este é um aparelho óptico, constituído por um tubo de metal, com vidros coloridos e espelhos inclinados. Quando a luz exterior incide sobre ele, reflete nos espelhos inclinados, o que faz com que, a cada movimento, sejam visualizadas diferentes imagens coloridas, mostrando que há uma profusão de possibilidades de se ver diversos desenhos no jogo de cores e espelhos. (Heine, 2014, *et al.*)

Figura 1. Metáfora do caleidoscópio



Fonte: Adaptado de Heine *et al*, 2014, revisto em 2025

A figura anterior procura representar os diversos sentidos de um texto, isto é, as diferentes possibilidades de compreendê-lo que, à semelhança de um caleidoscópio, quando a luz exterior incide sobre ele, processa uma profusão de diferentes imagens. É importante que não se compreenda essa imagem de forma fragmentada, considerando-a, por exemplo, apenas em uma de suas partes. Ao contrário disso, o que se propõe é asseverar que o texto é composto, no mínimo, da imbricação de todos esses fenômenos explicitados no caleidoscópio ilustrado, sendo eles inseparáveis uns dos outros, ou seja, elementos constitutivos do texto.

Como se pode observar a partir do caleidoscópio, a LT hodierna não mais se atém aos aspectos pragmáticos ortodoxos, que buscam a construção do sentido, defendendo a tese de que ele se processa apenas a partir do contexto imediato (o lugar, os participantes e a relação que estabelecem entre si) e sobremodo da intenção do falante, excluindo a historicidade.

Koch (2004, p. 32-33) exclui o sujeito pragmático ao propor, na concepção interacional

(dialógica) da língua, o sujeito social, visto como ator/construtor. É o momento sociocognitivista interacionista, que não mais contempla, dentre outros, o referido sujeito pragmático. Entretanto, a explicação da autora acerca do sujeito social pode gerar certa confusão no leitor, uma vez que apresenta limitações em termos filosóficos, o que nos conduziu à busca do sujeito bakhtiniano e de alguns dos seus princípios discursivos.

Diante desse cenário, estávamos em um impasse teórico: não podíamos aceitar o sujeito pragmático, pautado nas propostas de John Austin (1962, *apud* Koch; Cunha-Lima, 2004) — ou seja, na Teoria dos Atos de Fala — e em toda a tradição pragmática clássica, principalmente em John Searle (1969 *apud* Koch; Cunha-Lima, 2004) e Paul Grice (1957 *apud* Koch; Cunha-Lima, 2004), que “tendem a igualar o sentido de uma sentença ou texto com o sentido intencionado pelo locutor da sentença (o autor do texto), colocando a intenção do autor no centro de toda a atividade interpretativa”. Alicerçada nesses princípios, a pragmática “[...] trata a interação como se ela fosse um conjunto de trocas sistemáticas entre dois indivíduos autônomos, ligados por um código comum (a língua falada por ambos). Ao ouvinte/leitor caberia uma função meramente passiva: a de receber e decodificar corretamente as mensagens” (Koch; Cunha-Lima, 2004, p. 281).

Marcuschi (2008, p. 67) e Koch (2004, p. 32-33) procuraram atenuar a problemática da Linguística Textual clássica, por estar historicamente alicerçada no sujeito pragmático, posicionando-se contra esse modelo ao defenderem um sujeito social. Contudo, carecem de fundamentos filosóficos que sustentem plenamente seus pontos de vista. Daí a nossa busca pelo sujeito dialógico: o sujeito discursivo bakhtiniano com o intuito de preencher algumas das lacunas inerentes a esse modelo.

Para abordarmos o sujeito bakhtiniano, ilustramos Geraldi (2013, p. 12), que ao tratar sobre esse princípio bakhtiniano, discorre:

A primeira grande aposta de Bakhtin é na relação constitutiva entre o eu e o outro. A alteridade é o espaço de constituição das individualidades: é sempre o outro que dá ao seu eu uma completude provisória e necessária, fornece os elementos que o encorpam e que o fazem ser o que é.

Portanto, para Bakhtin e seus colaboradores, os sujeitos se formam de maneira recíproca, sendo o outro indispensável, já que todo sujeito é inacabado e necessita dessa alteridade para constituir-se plenamente (Heine; Sales, 2023). Ribes (2013, p. 7), ainda seguindo Bakhtin, afirma categoricamente que esses elementos constitutivos do sujeito representam teses fundamentais da discursividade bakhtiniana: “a primeira diz respeito à consciência da incompletude, e a segunda,

à alteridade como experiência vital à constituição do sujeito”, esta última entendida como “princípio que define o ato de linguagem como um ato de troca entre dois parceiros que são, no caso, o sujeito comunicante (eu) e o sujeito interpretante (tu)” (Charaudeau; Maingueneau, 2004, p. 35).

Bakhtin (2017 *apud* Bentes; Mercês; Loureiro, 2020, p. 21) “define a relação entre sujeitos como aquela que acontece em sua concretude: pessoas que têm um nome, integridade física e intelectual, e em que há responsividade nos atos, sendo uma relação de interação entre o Eu e o Outro”. Tal definição remete, mais uma vez, ao inacabamento, à abertura e à inconclusibilidade.

A concepção de sujeito no pensamento bakhtiniano, desenvolvida especialmente em Para uma filosofia do ato responsável (2010), alicerça-se em uma filosofia moral voltada para o mundo real e concreto, ou seja, uma filosofia do ato responsável, que se opõe a um pensamento abstrato e desvinculado das questões da vida, destacando a alteridade, categoria central em sua reflexão. Nessa perspectiva, o objeto de estudo é o ato, realizado por um sujeito em atitude responsiva, sendo eminentemente singular, irrepetível e único, fundado no princípio do não-álibi no existir. Por outras palavras, “não-álibi no existir” expressa que a responsabilidade do sujeito é inerente à sua própria existência; sua vida em si já o torna responsável, não havendo como se eximir dessa condição. Segundo Bakhtin, o sujeito carrega em si uma dimensão ética constitutiva, de modo que sua responsabilidade está inseparavelmente ligada ao próprio fato de existir. (Bronckart; Bota, 2012).

Bakhtin, envolvido na sua filosofia natural, ou seja, “na arquitetônica do mundo real do ato” (Bakhtin (2010, p. 114), assevera que a sua filosofia deve descrever o referido ato unitário e singular de cada sujeito por meio da seguinte tríade, momentos emotivo-volitivos centrais: “eu-para-mim, o outro para-mim e eu-para-o-outro” (Bakhtin, 2010, p. 114).

Embora, à primeira vista, a ideia de “eu-para-mim” pareça indicar um sujeito centrado apenas em si mesmo, Bakhtin mostra que não existe um “eu” isolado. O sujeito só se constitui na relação com o outro, ou seja, nas interações concretas e no diálogo com enunciados que já circulam na sociedade. Por isso, além do “eu-para-mim”, é preciso considerar também “o outro-para-mim” e “eu-para-o-outro”, postura teórico-filosófica presente nas palavras de Volóchinov (2017, p. 38): “Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro [...]”.

Essa relação é explicada pelo processo de exotopia. Em termos simples, a exotopia, conforme Magalhães Júnior (2010), acontece quando o olhar do outro me revela aspectos de mim

que eu não conseguiria perceber sozinho. Ao entrar em contato com essa visão externa, passo a me ver de um modo diferente daquele que tinha antes, ampliando a consciência sobre quem sou. O processo exotópico se realiza, então, quando retorno a mim mesmo munido desse olhar do outro. Nesse movimento, eu coloco em prática o excedente de visão que o outro me ofereceu e esse “a mais” que eu passo a enxergar, que não estava disponível apenas pelo meu ponto de vista, é o excedente de visão, ou seja, esse “a mais” que eu passo a enxergar e, com isso, atualizo minhas formas de pensar e de me relacionar com o mundo.

É importante que destaquemos também o traço da intencionalidade do sujeito bakhtiniano, questão extremamente discutida no seio das diferentes abordagens da pesquisa discursiva, incluindo também a LT. No que tange à Análise do Discurso, cujo mentor é o francês Michel-Louis Pêcheux, não é possível explicar o discurso a partir da intenção individual, porque o sujeito está sempre atravessado pela ideologia. Logo, o discurso do sujeito pecheutiano não é fruto apenas de sua vontade, mas resulta do atravessamento histórico e social que o constitui.

Quanto à LT, Koch segue Beaugrande e Dressler (1981 *apud* Koch 2015, p. 45), asseverando que a intencionalidade “refere-se aos diversos modos como os sujeitos usam textos para perseguir e realizar suas intenções comunicativas [...]”. Contudo, ao conceber a aceitabilidade como a contraparte da intencionalidade, a autora buscou estabelecer uma relação biunívoca entre a intencionalidade e a aceitabilidade; situação que, a nosso ver, salve melhor juízo, torna a intencionalidade dependente da aceitabilidade, perdendo parte de sua riqueza, que envolve não apenas a adequação ao outro, mas também aspectos cognitivos, sociais, afetivos e até estratégicos do produtor do texto.

No que concerne à noção de sujeito bakhtiniano, observa-se que este é dotado de intencionalidade, mas se distancia, de modo incisivo, da concepção da LT clássica, a qual se apoia sobremaneira na pragmática de linha dura, que entende a intencionalidade como um processo cognitivo e deliberado do falante, centrado na mente individual e na eficácia da comunicação. Bakhtin afirma que a concepção de enunciado se constitui pela intencionalidade:

Em cada enunciado – da réplica monovocal do cotidiano às grandes e complexas obras de ciência ou de literatura – abrangemos, interpretamos, sentimos a intenção *discursiva* do discurso ou a *vontade discursiva* do falante, que determina o todo do enunciado, o seu volume e as suas fronteiras. (Bakhtin, 2010, p. 281)

É óbvio que a “intenção discursiva do discurso” ou a “vontade discursiva do falante”, referidas por Bakhtin no excerto citado, não equivalem à intencionalidade do clássico sujeito

pragmático de linha dura: um sujeito individual, de vontade própria, unilateral, sendo, pois, não interativo.

Após as reflexões inerentes aos sujeitos, não poderíamos deixar de fazer uma menção, ainda que sucintamente, sobre a ideologia no ciclo de Bakhtin. Para o referido filósofo russo, a ideologia provém das diferentes esferas sociais (a religião, a arte, a moral, a ciência, a ética, a filosofia etc.), e do signo – entidade linguístico-semiótica que, por si só, expressa sempre uma posição avaliativa, pois não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica. Assim, os signos (palavras, gestos, símbolos, imagens etc.) não nascem de um indivíduo isolado, mas da interação entre pessoas, pois o signo só faz sentido quando existe interlocução e compartilhamento. Por isso, “tudo que é ideológico é um signo. Sem signo não existe ideologia” (Bakhtin, 2009, p. 35). Na tradição, a ideologia aponta para o social, excluindo o individual, como é o caso da Análise de Discurso Peuceutiana; mas para Bakhtin, a ideologia permite que o social, o histórico e o individual se entrelacem mutuamente, ressaltando, contudo, a preponderância dos dois primeiros sobre o terceiro, mas com nuances intencionais no processo discursivo, o que configura a sua face individual.

Retornando às questões feitas pelos docentes do curso de especialização, parece ser possível asseverar que esse sucinto enfoque teórico traz as respostas. Consoante Heine, Cristo, Neiva e Alvarez (2014), os livros didáticos compreendem o texto, quando constituído de linguagem verbal e linguagem não verbal, apenas a parte verbal escrita, sem observarem que as partes verbal e não verbal se completam, formando um todo de sentido, denominado texto. Quanto à pergunta: - *Professora, a interpretação do texto deve se limitar ao código linguístico?* A LT e outras linhas de pesquisa de cunho discursivo consideram que todo texto possui uma gama de possibilidades de sentidos, sendo, pois, o código linguístico opaco e não transparente semanticamente, ou seja, o sentido não está nele, visto que “[...] a interpretação de um enunciado não pode levar em consideração apenas a informação linguística” (Chareaudeau; Maingueneau, 2004, p. 394).

No que diz respeito ao dialogismo, o sentido é processado entre o contexto imediato e o entorno sócio-histórico a partir de um enunciado concreto munido de ideologia. Dessa forma, o texto é tentacular, voltando-se para enunciados precedentes e consequentes historicamente, configurando a tese bakhtiniana de o enunciado ser uma correia de elos históricos da sociedade. (Bakhtin, 2003)

De modo sucinto, faz-se menção à noção de coerência, entendida como a compreensão de

um texto. Na tradição, Koch (2006, p. 194) ressalta que “a coerência [...] não está apenas no texto, nem tampouco apenas no autor ou nos leitores, mas na interação autor-texto-leitor”. Heine (2011), embora concorde com Koch (2006), pondera, reconhece e registra que a noção de texto presente na tríade, anteriormente citada, deixa, nas entrelinhas, uma concepção de texto enquanto *co-texto*, justamente por sugerir a segmentação entre os referidos elementos. Tal formulação pode levar à interpretação de que o texto é apenas código linguístico, ao qual se somariam autor e leitor, ou, em outras palavras, de que autor e leitor situam-se na fronteira textual, sem considerá-los elementos constitutivos do texto. Essa visão, por sua vez, mantém uma concepção formalista de texto, que exclui o sujeito do processo de construção e processamento textual.

Heine sugere que a coerência textual seja processada, tendo por base, principalmente, os elementos constitutivos do caleidoscópio, pois permitem gerar sentidos diferentes, a depender do conhecimento sócio-histórico do sujeito do discurso. Por exemplo, caso o leitor se atenha ao *co-texto*, entidade centrada no código linguístico, fora das práticas discursivas, ter-se-á uma leitura que apenas *repete* ou *copia* o que está dito no texto. Permanecer neste nível de leitura é agir como se o texto só tivesse informações objetivas inscritas de modo transparente (Marcuschi, 2011), mas caso o leitor considere a camada histórico-ideológica imbricadas entre si, ter-se-á uma leitura que “considera as atividades inferenciais no processo de compreensão [...]. É uma leitura que inclui as entrelinhas; não se limita à paráfrase, nem fica reduzida à repetição”. (Marcuschi, 2011, p.99)

ABORDAGEM TEÓRICA E METODOLÓGICA

Pretende-se, nesta seção, apresentar os procedimentos e critérios que norteiam, e já vêm norteando, a pesquisa em pauta, cujo objetivo geral é instaurar um novo momento para a Linguística Textual, provisoriamente denominado Fase Bakhtiniana. Tal fase propõe novos olhares, entre os quais: a superação do apego exclusivo ao código linguístico, a sugestão de uma nova concepção de texto e a ampliação do conceito de referência para o de referência semiótica. Dessa forma, nossa base filosófica permitiu-nos ascender ao conceito de texto já anteriormente mencionado e, a partir dele, formular alguns objetivos específicos: ampliar a concepção de referência por meio de elementos semióticos; analisar a ocorrência de elementos anafóricos e catafóricos em signos não verbais; e evidenciar que os aspectos socio-históricos, de caráter eminentemente axiológico, constituem parte integrante de qualquer texto, não podendo ser reduzidos a meros dados adicionais. Para ilustrar essa nova fase da Linguística Textual, a

pesquisa, de cunho qualitativo, utiliza como *corpus* charges e tirinhas extraídas da internet.

ANÁLISES E DISCUSSÃO

Seguindo os critérios definidos na metodologia, será ilustrado apenas um exemplo para análise a fim de aplicar algumas das ideias, consoante a Fase da Linguística Textual sob a Perspectiva Bakhtiniana. É necessário registrar que se pretende pôr em foco questões discutidas na tradição, a exemplo da concepção de texto e dos processos de coesão e coerência, pautando-se nos objetivos deste trabalho. Veja-se a charge a seguir:

Figura 2: Charge



Disponível em: <<https://amarildocharge.wordpress.com>>. Acesso em: 08 ago. 2018.

Na charge em foco, o processo de referenciação semiótica se efetiva tendo, sobretudo, como alicerce teórico a acepção de texto enquanto “evento dialógico, semiótico, falado, escrito, heteroglóssico, axiológico” (Heine, 2021)⁸, que abarca não apenas o signo verbal, mas também outros signos presentes no seio social (imagens, sinais, gestos, meneios da cabeça, elementos pictóricos, gráficos etc.) (Heine, 2021). A partir desse conceito textual, busca-se eliminar a aparente confusão de interpretação relativa à dicotomia *co-texto* versus *con-texto*, conforme se observa no seguinte excerto: “As anáforas indiretas caracterizam-se pelo fato de não existir no co-texto um antecedente explícito, mas, sim, um elemento de relação, que se pode denominar âncora e que é decisivo para a interpretação” (Koch; Elias, 2006, p. 128).

No trecho citado, Koch, embora se apoie em uma perspectiva social de cunho cognitivo,

⁸ Heine, Notas de Aula, 2021

recorre ao *co-texto* para explicar as chamadas anáforas indiretas, o que não se mostra pertinente para a Linguística Textual nessa fase. É preciso ressaltar, de acordo com Marcuschi (2003, p. 2), que o *co-texto* restringe-se ao sentido literal, não sendo capaz de abarcar elementos do contexto mediato, nem mesmo do contexto imediato. Sob esse prisma, a noção de *co-texto* vincula-se à imanência do sistema linguístico, articulando-se com o estruturalismo saussuriano, que se manifesta, dentre outras propriedades, pelo princípio da autonomia (Borges Neto, 2004, p. 101). Tal princípio implica que a língua deve ser estudada e analisada sem referência a fatores externos a ela (Heine, 2021, p. 216).

Koch e Elias (2006, p. 59-60) concebem o *co-texto* como “entorno verbal” ou “materialidade linguística”. Contudo, essa acepção mostra-se inadequada em razão de a noção de *co-texto* carregar traços imanentes. Sob esse prisma, torna-se relevante recorrer a seguinte citação de imanência que:

[...] recusará fazer intervir fenômenos e explicações extralinguísticas e cingir-se-á ao próprio objeto que escolheu e que circunscreveu. Qualquer apelo a outras disciplinas (psicologia, história, etc.) é considerado, do estrito ponto de vista linguístico, como um retorno a uma forma de transcendência, portanto, como uma espécie de demissão científica. (Galisson; Coste, 1983, p. 389)

Portanto, consideramos inadequado o uso da expressão teórica *co-texto* como sinônimo de materialidade linguística, conforme nos termos apresentados por Koch e Elias (2006). Tal equivalência pode gerar confusão conceitual, uma vez que cada termo possui especificidade própria. Além disso, esse uso pode comprometer a interpretação textual, conduzindo o pesquisador a equívocos teóricos. Assim, não se deve afirmar, em nosso entendimento, que “[...] as anáforas indiretas não têm um antecedente explícito no *co-texto*” (Koch; Elias, 2006, p. 128), mas sim que as anáforas indiretas não têm um antecedente explícito na materialidade linguística (Heine, 2025)⁹.

Um dado que merece constante atenção é que os signos não verbais, à semelhança dos signos verbais, devem ser concebidos como elementos constitutivos do texto. Nesse horizonte, eles podem ocorrer como anáforas, catáforas, âncoras etc. Desse modo, concretiza-se o processo de coesão e coerência efetivado, não somente por meio de signos verbais, mas também por signos não verbais. Além disso, sob a ótica bakhtiniana, o texto se constitui de valores axiológicos intrinsecamente vinculados a posicionamentos ideológicos, na medida em que todo enunciado se

⁹ Heine, Notas de Aula, 2025.

encontra permeado por visões de mundo, interesses e disputas simbólicas que se materializam tanto no verbal quanto no não verbal.

Na charge "Greve", em análise, a caricatura de Dilma Rousseff figura como lastro referencial principal. Contudo, seu nome não é mencionado em momento algum; ainda assim, a representação visual conduz o leitor, de forma imediata, à então Presidenta da República. Essa possibilidade de reconhecimento não advém apenas da imagem em si, mas da articulação entre dois horizontes: o contexto imediato, formado pelos elementos gráficos e textuais da própria charge, e o contexto mediato, o repertório sociopolítico, compartilhado coletivamente. É no cruzamento dessas duas dimensões que se consolida a interpretação adequada.

A charge em foco é, pois, constituída, na sua superfície textual, de signos verbais e signos não verbais, além da sua abordagem no que tange ao contexto mediato. Dentre os elementos verbais, destacam-se as seguintes expressões: "GREVE", "Que cheiro é esse?", "Acho que a carga já está com o prazo de validade vencida" e a assinatura do chargista no canto inferior direito (Amarildo).

Quanto aos signos não verbais, citam-se: dois caminhões enfileirados na estrada, pneus no chão, simbolizando um bloqueio nas rodovias, referente à greve dos caminhoneiros; motoristas dentro do caminhão da frente em posições de espera; linha de odor saindo da cabeça da personagem (recurso visual para indicar mau cheiro); o baú do caminhão contendo a caricatura de Dilma Rousseff, a qual apresenta gestos e traços faciais exagerados, a exemplo dos olhos salientes, da boca tensa (expressando irritação) e dos braços rígidos, compondo efeito hiperbólico e cômico. Os objetos do ambiente (caminhões, pneus, baús) são índices da greve, enquanto o baú aberto funciona como vitrine da "carga", expondo-a ao olhar público.

No que tange ao contexto mediato, há dados que não aparecem explicitamente na materialidade textual: cenário político da época, crise econômica, inflação, escândalo da Petrobras, queda de popularidade, dentre outros. A expressão "carga com prazo de validade vencido" mobiliza uma metáfora depreciativa, que associa sua gestão a algo deteriorado, ultrapassado e incapaz de cumprir sua função. Os tons de cinza ao fundo da imagem, bem como os ícones de moscas e linhas onduladas indexam deterioração, traduzindo a metáfora da putrefação simbólica.

Analisemos então alguns dos processos de referenciação semiótica: destacamos inicialmente a caricatura de Dilma Rousseff dentro do caminhão, que se efetiva como âncora textual central, realizada por meio do signo icônico, já que mantém semelhança com o objeto

representado. É possível também asseverar que a expressão “Que cheiro é esse?” pode ser lida como catáfora, pois antecipa uma explicação que virá no turno seguinte “a carga já está com o prazo de validade vencida”. Registramos também algumas ocorrências de anáforas indiretas, a exemplo dos sintagmas nominais: “a carga”, “os pneus” e “o odor”, que se constituem a partir dos lastros referenciais: a caricatura de Dilma Rousseff, greve, símbolo do bloqueio em protestos e, por fim, a carga estragada (metáfora do governo).

Todas essas tessituras presentes na charge em foco trazem à baila a ideologia de determinados grupos, ou seja, uma carga significativa de críticas acentuadas ao trabalho da então Presidenta Dilma Rousseff, sobretudo no que concerne à condução política e econômica de seu governo. Para tanto, o chargista recorre a um texto eminentemente semiótico carregado de signos não verbais, pneus e caminhões parados, símbolos icônicos da greve, de modo a reforçar a ideia de estagnação e desgaste, além de instaurar uma crítica política que transcende o plano verbal, configurando um texto multimodal cuja força argumentativa se apoia tanto em signos linguísticos quanto em signos imagéticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, não se pode deixar de ressaltar a importância singular dessas lacunas que foram focalizadas neste artigo, porque elas podem contribuir com o crescimento científico da Linguística Textual, aliás, as lacunas, em qualquer área de pesquisa, promovem indubitavelmente avanços que trazem em seu bojo informações essenciais à busca de novas reflexões a favor do homem, enquanto inquiridor.

O olhar para os signos icônicos, por exemplo, demonstra avanços substantivos na questão dos processos anafóricos e catafóricos, enfim na construção da tessitura textual de um modo geral. Com essa pesquisa, almeja-se escrever um livro, que possa romper os muros do formalismo linguístico, sobretudo no que se refere ao tratamento do texto em sala de aula, instigando os nossos colegas à busca de posicionamentos críticos que possam suprir, na medida do possível, o ensino caótico que ainda perdura no nosso país, em especial nas escolas públicas.

Ao concluirmos este artigo, é necessário destacar a importância singular da LT no cenário dos estudos da ciência da linguagem, sobretudo no que se refere à sua contribuição para o ensino de línguas. Tal argumento se justifica pelo fato de a linguística formal, seja no estruturalismo europeu ou norte-americano, seja no gerativismo linguístico, não ter se debruçado sobre questões

relacionadas ao ensino de línguas, o que gerou diversos problemas e, conseqüentemente, inúmeras críticas. Nesse contexto, a LT, ao observar que o formalismo restringiu-se ao estudo da frase, elegeu o texto como objeto de investigação e, assim, buscou dar conta de aspectos inerentes ao processamento textual que não foram contemplados pela tradição formalista. Tendo o texto como núcleo de análise, a LT voltou-se para a explicação dos chamados princípios de textualidade (Beaugrande; Dressler, 1981, *apud* Koch 2015, p. 45), a saber: coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade, na tentativa de preencher algumas das lacunas deixadas pelo formalismo.

A partir de suas metas, a Linguística Textual desenvolveu-se em diferentes fases, cada uma marcada por um enfoque metodológico específico, mas todas voltadas para o aperfeiçoamento e para uma melhor compreensão de seu objeto de estudo: o texto. Inicialmente, a LT voltou-se para a fase transfrástica, centrada na inter-relação coesiva entre as frases. Em seguida, expandiu suas pesquisas e reflexões, alcançando, de modo substantivo, na transição do século XX para o XXI, a perspectiva sociocognitivo-interacionista. Conforme Koch (2004), essa fase compreende o texto como produto da interação comunicativa e como resultado de processos cognitivos mediados social e culturalmente.

Sem dúvida, o momento sociocognitivo-interacionista tem alcançado êxito significativo. Todavia, suas análises ainda evidenciam algumas lacunas que, a nosso ver, relacionam-se prioritariamente ao conceito de texto. Inicialmente, este foi concebido centrado na imanência do sistema linguístico: “Um texto compõe-se de uma sequência de sentenças ligadas, podendo ir desde sentenças de uma só palavra até uma obra em vários volumes” (Harris, 1952, *apud* Marcuschi, 2003). Posteriormente, passou a ser definido a partir de critérios que transcendem o sistema linguístico: “Texto é visto no seu próprio processo de planejamento, verbalização e construção, como resultado parcial de uma atividade comunicativa, que compreende processos, operações e estratégias que têm lugar na mente e que são postas em ação em situações concretas de interação social” (Koch, 1997, p. 16). Embora essa última definição se insira no paradigma sociocognitivo-interacionista, ela não enfatiza de forma suficiente a necessidade de considerar os textos sincréticos, valorizando seus elementos constitutivos, verbais e não verbais, como recursos de referenciação. Tal perspectiva ainda revela certo apego à materialidade linguística, o que implica a exclusão tanto do contexto imediato quanto do contexto mediato. Além disso, algumas abordagens teóricas apresentam fragilidades: a concepção de sujeito, por exemplo, mostra-se pouco consistente, uma vez que, após críticas ao sujeito pragmático, tradicionalmente associado

à LT, Koch o substitui pelo sujeito social, mas sem oferecer um alicerce teórico sólido para essa mudança.

Assim, parece evidente que a Linguística Textual necessita ascender a uma nova fase. Para tanto, fazia-se necessária uma base filosófica e, em função da orientação discursiva de Bakhtin e de seu Círculo, debruçamo-nos sobre algumas de suas teorias, a fim de propor um novo devir para a pesquisa em LT, especialmente porque o seu objeto de estudo vem passando por constantes metamorfoses, assim nomeamos, provisoriamente, de Fase Bakhtiniana da Linguística Textual.

Posta dessa forma, torna-se possível responder às questões frequentemente levantadas por nossos alunos: “Professora, nas histórias em quadrinhos devo considerar texto apenas o código verbal?”, “Professora, o texto se refere apenas à linguagem escrita?”, “Professora, a interpretação do texto deve se limitar ao código linguístico?”

REFERÊNCIAS

ALVES, M. F. **Interação e Cognição em Sala de Aula**. Tese apresentada ao programa de Pós-graduação em Letras da UFPE, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística, 2005.

BAKHTIN, M. (V. N. Volóchinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BARROS, D. L. P de. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, C. A. *et al.* **Diálogos com Bakhtin**. 4. ed. Curitiba: UFPR, 2007.

BENTES, J. A. de O; MERCÊS, R. S. das; LOUREIRO, S. de J. da F. Alteridade em Buber, Bakhtin e Freire: incursões epistemológicas. **Periferia**, v. 12, n. 1, p. 12-35, jan./abr. 2020 - DOI:10.12957/periferia.2020.47171 - ISSN:1984-9540 Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/47171/33167>> Acesso em: agosto de 2025

BRONCKART, J-P.; BOTA, C. **Bakhtin desmascarado**: história de um mentiroso, de uma fraude, de um delírio coletivo. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/L%C3%ADcia%20Heine/Downloads/_434857.pdf>

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. Tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

GERALDI, J. W. Bakhtin tudo ou nada diz aos educadores: os educadores podem dizer muito com Bakhtin. In: FREITAS, Maria Teresa (org.) **Educação, arte e vida em Bakhtin**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HALLIDAY, M. A. K; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

HEINE, L. M. B. **Aspectos do uso da anáfora no português oral**. Tese de Doutorado. Pós Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

HEINE, L. M. B.; Reflexões sobre o sujeito social e o sujeito ideológico. **Investigações** (Recife), v. 21, p. 327-349, 2009.

HEINE, P. (org.). **Questões do texto e do discurso**. Salvador: Kalango, 2011.

HEINE, L.; HEINE, P.. **Incursões sobre a linguística no século XX com foco na linguística textual**. Salvador, EDUFBA, 2012. (Coleção eLivro EDUFBA – PROPCI).

HEINE, L. M. B; ALVAREZ, P. H (org.). **O texto no livro didático de Língua Portuguesa: reflexões e sugestões**. Salvador: EDUFBA, 2014.

HEINE, L. M. B; CRISTO, A. R; NEIVA, N; ALVAREZ, P. V. B. **O texto no livro didático: reflexões e sugestões**. SALVADOR: EdUFBA, 2014.

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, I.V.; CUNHA-LIMA, M.L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. (org.) **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. v. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

KOCH, I. G. V. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, I. V; ELIAS, V. M. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MAGALHÃES JÚNIOR, C. P. **O conceito de exotopia em Bakhtin: uma análise de O filho eterno, de Cristovão Tezza**. Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos Literários, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários (Literatura e Construção da Alteridade), Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. Disponível em:
<<https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/24251/caibar%20dissertacao%20final.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em agosto de 2025

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Compreensão textual como trabalho criativo**. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 89-103, v. 11. Acervo Digital: D17_Compreensão textual como trabalho criativo

MONDADA, L; DUBOIS, D. Construction des objets de discours et categorisation. In: BERRENDONNER, A; REICHLER-BÉGUELIN, M. (org.). **Du syntagme nominal aux objets-de-descours**: SN complexes, nominalisations, anaphores. Suisse: Institut de linguistique de l'Université de Neuchatel, 1995.

RIBES, R. Prefácio In: FREITAS, Maria Teresa (org.) **Educação, arte e vida em Bakhtin**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

ROSCH, E; MERVIS, C. **Family resemblances**: studies in the internal structure of categories. Cognitive Psychology, 1975, 7, p. 573-605.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.